

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Πηληϊάδεω Ἄγαθης
Μηνὶν Ἀεΐδε θεᾶ Πηληϊάδεω

BREVES APONTAMENTOS SOBRE O HOMOSSEXUALISMO GREGO (DE PLATÃO À ÉPOCA HELENÍSTICA)

MARIA HELENA UREÑA PRIETO

Universidade de Lisboa

O tema do homossexualismo na Grécia tem sido de tal forma debatido que parece estranho ainda poderem subsistir equívocos sobre o assunto⁽¹⁾. Acontece, porém, que um homossexual, há anos entrevistado por um órgão de comunicação social, se referiu a Platão como o paladino da homossexualidade. Convém, portanto, esclarecer.

Iniciaremos a análise pelas *Leis* de Platão, obra publicada postumamente. Parece ter sido a última obra do filósofo, se não aceitarmos a autenticidade da *Epinómide*, publicada também pelo discípulo Filipe de Opunte, depois da morte do mestre⁽²⁾. Talvez seja útil citar alguns parágrafos em que o filósofo se refere ao assunto na obra onde, no fim da vida, retoma o tema da construção da cidade, já tratado sob um aspecto utópico na *República*, muitos anos antes, e que, neste novo ensaio sobre o assunto, se esforçou por construir em termos mais realistas, partindo das instituições da sociedade do seu tempo, com intenção de as aperfeiçoar.

Podemos começar por analisar um parágrafo do *Livro I* (636c):

«... e, quer falemos a gracejar ou seriamente, é preciso levar em conta que o sexo feminino, tal como o masculino, parecem ter recebido da natureza o prazer quando praticam a cópula com o fim da procriação, ao passo que as relações de machos com machos e de fêmeas com fêmeas são contrárias à natureza e provêm de uma intemperança no prazer.»

Seguidamente, durante vários livros e densos parágrafos, tenta legislar para preservar as virtudes na cidade e, chegando ao *Livro VIII* (836a-b), de novo se refere ao homossexualismo:

«... quanto aos amores pelos rapazes e raparigas, os que visam as mulheres-homens ou os homens-mulheres, origem de tantos males não só privados como públicos, como poderemos nós preservarmo-nos deles, qual o remédio que se há-de fabricar para abrir a cada um deles uma saída para este perigo?

Se, na verdade, as pessoas agissem de acordo com a natureza, proclamando a lei que reinava antes de Laio⁽³⁾ e que não é permitido usar dos homens feitos e dos adolescentes nas relações sexuais; se se apelasse ao testemunho da natureza animal, mostrando que nessas relações o macho não se aproxima do macho porque seria contra a natureza – talvez usássemos uma linguagem pouco persuasiva e que não estaria no diapasão das nossas cidades (Creta e Lacedemónia⁽⁴⁾). Além disso, a intenção, que, segundo pensamos, deve respeitar em tudo o legislador, não é de forma nenhuma respeitada nessas práticas.

Nós buscamos sempre, com efeito, prescrições que conduzem à virtude e não outras. Pois bem, se aceitássemos reconhecer, actualmente, como uma lei, tais hábitos como honestos e não desonrosos, que socorro encontraríamos nela para a virtude? Na alma do que se deixa seduzir, farão tais hábitos nascer um carácter viril? Na alma do sedutor, faríamos nascer um espírito de temperança? Não é necessário, por outro lado, concordar em que ninguém acreditará nisso, mas antes no contrário? E na alma do que cede aos prazeres e não pode resistir-lhes, não condenará toda a gente a tendência efeminada e, no que tenta imitar a mulher, não reprovará a imagem demasiado parecida em que ele se torna? Que homem aceitará consagrar numa lei uma conduta tão degradante? Nenhum, com certeza, pelo menos se tiver a noção verdadeira da lei⁽⁵⁾.»

Seja-nos permitido um esclarecimento, que se refere à aproximação, feita pelo filósofo, entre o comportamento humano e o animal. As experiências científicas modernas revelam que os casos de homossexualismo animal não são raros. De resto, já na Antiguidade tardia, alguns epigramas da *Antologia Palatina* documentam o conhecimento desse facto (*A. P.*, Livro XII, 28 e 245)⁽⁶⁾.

Em vez desse paralelo com o mundo animal, que se revela erradamente observado, poderia ter Platão usado de um argumento irrefutável: a anatomia humana. De facto, o homem não possui órgãos adequados às relações sexuais com outro homem, nem a mulher os possui para as relações com outra mulher. Mas deixemos a natureza,

mais ou menos adequada dos argumentos; o que nos interessa é a doutrina pela qual o filósofo se bate.

Importa-nos sobretudo, ainda, o livro VIII das *Leis*. Nesse livro (837b-d) analisa as várias formas de amizade e de amor, classificando a atracção homossexual como «terceiro amor»:

«... esse que é dilacerado em sentidos contrários pelos dois elementos, um que ordena colher a flor de uma juventude e outro que a tornou interdita. O primeiro, com efeito, é amoroso do corpo e [...] impele-o a saciar-se, sem nenhum respeito da alma e dos costumes do amado. Só tem desdém o outro pelo desejo do corpo, ele que vê mais do que cobiça e é verdadeiramente a alma que deseja uma outra alma e que pensará que o insulta (ao amado) ao saciar nesse corpo um apetite carnal. O que ele desejaria, cheio de religioso respeito pela temperança, pela coragem, pela magnanimidade, pela sabedoria, era viver eternamente casto com o seu casto amigo.»

Parece que está tudo dito, mas podem objectar-nos que a leitura de alguns diálogos platónicos traça outras perspectivas. Para explicar como é que os diálogos referentes à amizade e ao amor se integram na perspectiva atrás descrita, nada melhor que uma síntese de Félix Buffière na página 392 da sua obra sobre a pederastia⁽⁷⁾:

«Socrate et son entourage sont les premiers, à Athènes, dans les cercles philosophiques, chez qui se manifeste un intérêt (et même un intérêt intense) pour cette forme de l'amour. Platon et Xenophon montrent souvent leur maître occupé à poursuivre les beaux jeunes gens en leur faisant une cour assidue. Mais l'un et l'autre sont d'accord sur la parfaite pureté des relations de Socrate avec la jeunesse.

Deux oeuvres de Platon ont une importance capitale pour l'étude de la pédérastie grecque: le *Phèdre* et le *Banquet*. Dans l'un et l'autre, Platon est d'abord le témoin de son temps, par les discours qu'il prête à un Pausanias, un Lysias, un Aristophane; mais il parle aussi en son nom, par la bouche de Socrate ou de l'Etrangère de Mantinée et impose sa vision d'un amour au plein des âmes, uniquement spirituel.

Grâce au *Banquet* et au *Phèdre* nous pouvons nous faire une idée précise des diverses positions de l'intelligentsia athénienne, en ce IV siècle, face au phénomène de la pédérastie.»

Na impossibilidade de, no reduzido espaço de um artigo, fazer análises e citações exaustivas dos referidos diálogos, acentuaremos apenas que, no *Banquete*, o Sócrates platónico é o enamorado da beleza das almas e, através delas, da beleza e do bem supremos, desincarnados e eternos. O testemunho de Alcibiades sobre a conti-

nência de Sócrates, que resiste a todas as «tentações» do seu amado, é o ponto final e, ao mesmo tempo, o ponto culminante da prática pederástica de Sócrates⁽⁸⁾.

Mas não esqueçamos um passo importante da *República* platónica, essa construção utópica de uma cidade ideal, onde reinam, além da justiça, as outras «virtudes cardiais» (prudência ou sabedoria, fortaleza ou coragem, temperança)⁽⁹⁾. No livro III (403b-c), Sócrates estabelece, em diálogo, os limites da actuação da pederastia na cidade ideal:

«Assim, pois, ao que parece, estabelece como lei, na cidade que vamos construir, que o amante pode beijar o jovem, estar com ele, tocá-lo como a um filho, tendo em vista acções belas e se for por meio da persuasão; mas em tudo o mais o seu convívio com o objecto do seu interesse deve ser tal que nunca pensem dele que as suas relações vão além disso; caso contrário, incorrerá na censura de ignorante e grosseiro.»

Algumas dezenas de parágrafos adiante (468b-c), Sócrates estabelece que o guerreiro valente poderá beijar e ser beijado por quem quiser.

É curioso saber, a par da interpretação filosófica que Platão dá à pederastia, qual a atitude do legislador ateniense quanto à perseguição a que se entregavam homens feitos em relação a crianças e adolescentes. É Ésquines, no discurso *Contra Timarco*, que comenta e transcreve a lei ateniense sobre as precauções a tomar⁽¹⁰⁾:

«Em primeiro lugar vê-se que o legislador não se fia nos mestres aos quais por necessidade confiamos os nossos filhos e que devem o seu pão quotidiano à honestidade de costumes, ao passo que uma má conduta os reduziria à miséria. A lei fixa com exactidão a hora à qual a criança de condição livre deve entrar na escola e a hora à qual deve sair. Proíbe aos professores e aos mestres de ginástica abrir as escolas e as palestras antes do nascer do sol e ordena que as fechem antes da noite, suspeitando da solidão e das trevas. A lei diz também quais são os jovens que podem frequentar esses lugares, a sua idade e qual é a autoridade que velará pelo cumprimento da lei. A lei ocupa-se ainda das funções do escravo encarregado de acompanhar as crianças⁽¹¹⁾, da festa das Musas na escola, da de Hermes na palestra e finalmente da participação das crianças nos coros cíclicos.»

Ésquines, após este comentário, transcreve o texto da lei aludida. A fidelidade deste texto tem sido objecto de críticas dos modernos estudiosos das obras do orador, pelo que nos parece não interessar a sua transcrição. O comentário do orador é suficiente e dá-nos a entender

que «a lei pune os corruptores das crianças de condição livre». O texto da lei e o comentário de Ésquines parecem referir-se não só aos que tentavam aliciar as crianças e os adolescentes para a prostituição masculina, mas aos simples *erastes* (amantes) que tentavam seduzi-los para *erómenos* (amados), numa relação sem compensações em dinheiro, o que constituía mais precisamente a chamada *pederastia*. Não podemos, no entanto, saber com precisão o alcance da lei nem afirmar que o «amor», que não acarretasse a prostituição, estaria isento de relações carnis e coubesse na designação do «amor filosófico» defendido por Platão. Em todo o caso, a *pederastia*, isenta de prostituição (acarretasse ou não relações carnis), parece ter excluído a condenação, pois que o próprio orador reconhece que cultivou o amor dos jovens, que fazia poemas, e acumula exemplos de «amor honesto» da poesia e da história (136 a 157).

Quanto à prostituição e ao seu carácter de «infâmia», o orador é muito explícito em todo o discurso. Vejamos um dos passos em que esclarece o seu pensamento: (§13)

«O legislador ocupa-se também de delitos que, mesmo graves, não eram desconhecidos na cidade, pois que, se os nossos antepassados asseguram a repressão dos crimes é porque viram cometê-los. Se um pai, diz expressamente o texto da lei, um irmão, um tio, um tutor ou qualquer outra pessoa que tenha autoridade sobre uma criança a entrega mediante dinheiro a um debochado, a criança não será perseguida, mas os autores da transacção serão acusados, o primeiro por ter entregue a criança e o segundo por tê-la tomado ao seu serviço. A pena é a mesma para cada um deles. A criança, quando se tornar homem, não será obrigado a alimentar nem dar habitação ao pai, se a tiver vendido para a prostituir; só lhe deverá a sepultura, segundo o ritual.»

O orador prossegue, explicando que a lei pode punir com multas, com a prisão ou até com a pena de morte todos aqueles que tenham exercido esta forma de violências sobre crianças livres ou escravas. Acumulando as acusações (que visavam impedir Timarco, como prostituto, de exercer funções de embaixador), explica, acerca dos adultos que se entregam à prostituição:

«Qualquer ateniense, diz o legislador, que se tenha prostituído não poderá ser admitido no número dos doze arcontes (sem dúvida porque estes magistrados são portadores da coroa), nem exercer um sacerdócio (para isso o corpo deve ser puro), nem desempenhar as funções de defensor público. Não poderá exercer nenhuma magistratura, na cidade ou fora dela, electiva ou obtida à sorte. Não poderá exercer as funções

de arauto, nem as de embaixador, nem tornar-se acusador – ou denunciador assalariado – daqueles que fizeram parte de uma embaixada. Não poderá exprimir a sua opinião diante do Conselho ou diante do povo, mesmo que seja o mais eloquente dos oradores. O que tiver violado estas prescrições cai sob a alçada de uma acusação de maus costumes para a qual o legislador fixou as penalidades mais rigorosas.»

Essas penalidades podiam ir até à pena de morte, como também nos esclarece o parágrafo da lei a seguir transmitido no discurso. Mencionando esse parágrafo, Ésquines acentua:

«Esta última lei refere-se aos jovens com a tendência de não respeitarem os seus próprios corpos.»

Outro contemporâneo de Platão, Xenofonte, também discípulo de Sócrates, escreve igualmente um *Banquete* onde põe o mestre a falar. Nele levanta uma série de problemas suscitados pela pederastia e condena a pederastia impura, isto é, que chegue às relações carnais entre pessoas do mesmo sexo.

Curiosamente, é Aristóteles, discípulo de Platão, quem se insurge com violência contra as «facilidades» concedidas pelo mestre, nos parágrafos atrás citados da *República*, à pederastia (*Política II*, 4,2-3), pois que, sendo as mulheres e os filhos comuns na cidade ideal, pode o acaso pôr ao alcance dos beijos e carícias pederásticas um filho ou um irmão. Essas carícias «em família» são uma forma do impudor.

Em várias obras trata Aristóteles da amizade e do amor: *Política*, *Ética a Nicómaco*, *Ética a Eudemo*, *Magna Morália*, etc. Podem incluir-se também obras que são atribuídas, sem absoluta certeza, ao Estagirita, como os *Problemas*, livro de que só subsistem fragmentos. Nelas condena sempre a homossexualidade, sobretudo a homossexualidade passiva, considerada uma anormalidade biológica.

Aristóteles e a sua Escola estendem os seus estudos à zoologia e aos seres vivos em geral, chegando a conclusões que parecem às vezes precursoras do freudismo. A Escola Peripatética segue, em matéria de pederastia, a orientação do Estagirita, que preconiza uma educação severa, excluindo completamente a possibilidade de a *philia* e o *eros* se tornarem carnais entre indivíduos do mesmo sexo. Além disso, deve lembrar-se, Aristóteles, que se casou duas vezes, exalta o amor conjugal.

Entre os filósofos posteriores a Sócrates, contam-se os Cínicos, cuja paternidade se atribui a Antístenes, e entre os quais se situa o célebre Diógenes. Talvez tenham abolido a família e preconizado a

comunidade de mulheres e filhos como na *República* platônica. Apesar de não conhecermos bem todos os escritos desta Escola, parece podermos afirmar que não admitiam a homossexualidade.

Quanto aos Estóicos, admitiram, numa primeira fase (com Zenão, Crisipo e Apolodoro), o amor filosófico dos jovens, sem, no entanto, deixarem de admitir o casamento, necessário à procriação. Os Estóicos mais recentes, porém, são defensores convictos do amor conjugal⁽¹²⁾.

Quanto aos Epicuristas, como seria de esperar, rejeitam tudo o que possa perturbar «a ausência de dor no corpo e de perturbação na alma» (carta de Epicuro a Meneceu; cf. Diógenes Laércio, X, 131). Até o «amor filosófico», com as preocupações paternas relativas à educação do «amado», pode ser perturbador da «ataraxia» (cf. Diógenes Laércio, X, 132)⁽¹³⁾.

Os filósofos denominados Cirenaicos, cuja Escola foi fundada por Aristipo, fazem do prazer a própria finalidade da existência. Defendem, portanto, que o filósofo pode usar sem escrúpulo da pederastia carnal.

Quanto aos poetas do século III a. C., como Teócrito, cantam em alguns dos seus poemas o homossexualismo, sem deixarem de celebrar também o amor heterossexual⁽¹⁴⁾.

No período helenístico, os poetas celebravam tanto o amor masculino como o feminino. O Livro XII da *Antologia Palatina* é um repatório de poesia homossexual⁽¹⁵⁾.

Avançando no tempo até ao primeiro século depois de Cristo, encontramos-nos com Plutarco. Na sua imensa produção literária, incluem-se várias obras em que se trata do amor. A mais importante, sem dúvida, é o *Diálogo sobre o Amor* (*Erotikos*, em grego, *Amatorius*, em latim). Nesta obra, o filósofo de Queroneia dá a palavra a homossexuais, permitindo que defendam os seus pontos de vista, mas termina com uma fervorosa apologia do amor conjugal e uma certa ironia quanto aos «amores filosóficos», quando põe em dúvida que, depois de anoitecer, eles se conservem «filosóficos»... Para exprimir a sua devoção pelas relações conjugais, convém referir também o precioso escrito que é a *Consolação a sua Mulher* (*Consolatio ad uxorem*) onde evoca, além da firmeza moral da esposa perante a dor, os encantos da filhinha de poucos anos, que ambos acabavam de perder⁽¹⁶⁾.

À medida que vamos progredindo na civilização helenística, contemporânea, em parte, do cristianismo, vamos encontrar o romance grego, onde, embora nunca se cite a religião cristã, nem se dê indício de a conhecer, predomina o amor casto dos esposos e dos noivos. Apesar de episodicamente nos romances se aludir a comportamentos homossexuais, o herói e a heroína dos mesmos são sempre irre-

preensivelmente heterossexuais. Por vezes, surge mesmo uma troca de impressões entre as personagens sobre a excelência respectiva de um e outro amor (como no romance de Aquiles Tácio, provavelmente do século II d. C., livro II, 35-38). A posição decisiva, no entanto, é a apologia do amor conjugal⁽¹⁷⁾. A moral judaico-cristã viria em breve condenar a homossexualidade como anormal e imoral⁽¹⁸⁾.

Nestes inícios do século XXI, em que os homossexuais reivindicam direitos no seio da sociedade, parece interessante percorrer as notícias e reflexões que durante milénios foram emitidas sobre as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo e meditar na situação presente das mesmas⁽¹⁹⁾.

Notas

(1) Para os leitores que não são helenistas talvez seja útil esclarecer o significado da palavra homossexualismo. Não se trata de sexualidade “entre homens” mas “entre semelhantes”. O elemento *homo* não deriva do latim *homo* (que significa homem) mas do grego *hómoios*, que significa “semelhante”. Trata-se, portanto, das relações sexuais não só de homem com homem, mas também de mulher com mulher. Às mulheres, que se entregam a essa espécie de relações, também se chama “lésbicas”, termo derivado da ilha grega de Lesbos, onde viveu a grande poetisa Safo, que, segundo alguns, ter-se-ia entregue ao homossexualismo. Não vamos desenvolver aqui o assunto porque não há notícias seguras acerca do comportamento de Safo, que nos permitam tirar conclusões. Em todo o caso, quem deseje aprofundar uma das correntes de opinião sobre o assunto, pode ler algumas páginas de um autor que aceita sem reticências o homossexualismo de Safo: BERNARD SERGENT, *L'Homossexualité Initiatique dans l'Europe ancienne*, Paris, Payot, 1986, pp. 14 e segs. Jacques Mazel no seu livro intitulado *Les métamorphoses d'Eros, L'Amour dans la Grèce antique*, Presses de la Renaissance, 1984, Capítulo VI (“Sappho ou l'amour ‘briseur de membres’”), é mais subtil nas suas afirmações e na sua análise. Quanto à palavra pederastia, referida várias vezes no texto, é composta de *pais*, -*dós* (criança) e *erastia* (de *erastes*, amante) e significa “amor pelas crianças ou pelos jovens”. Quanto ao termo, modernamente usado, “pedofilia”, que significa “amizade pela criança”, é muito impropriamente aplicado à prostituição infantil.

(2) Da vastíssima bibliografia sobre o assunto, deixamos aqui, para começar, algumas indicações forçosamente restritas:

LÉON ROBIN, *La Théorie Platonicienne de l'Amour*, Paris, PUF, 1964.

HENRI-IRÉNÉE MARROU, *Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité*, Éditions du Seuil, Paris, 1965, Capítulo III: «De la pédérastie comme éducation». Cf. também as notas a este capítulo nas pp. 517 a 521.

ROBERT FLACELIÈRE, *L'Amour en Grèce*, Paris, Hachette, 2^a1971.

Também vale a pena consultar os artigos contidos no volume *Eros e Philia na Cultura Grega* (Colóquio – Lisboa, 23-24 de Novembro de 1995) – *Actas, Euphrosyne*, Centro de Estudos Clássicos, Lisboa, 1996.

Sobre o homossexualismo nos poemas homéricos, há uma tradição muito discutida e discutível, suscitada por um fragmento dos *Mirmídonês* de Ésquilo. Ver: W. M. CLARKE, «Achilles and Patroclus in Love», *Hermes*, 106, 3, 1978, pp. 381-396.

Sobre a interpretação de Homero num autor da época helenística, ver o nosso artigo em *Euphrosyne*, vol. XX, 1992: «Os Valores de Heraclito do Ponto».

(3) Sobre o mito de Édipo e o homossexualismo de seu pai, Laio, ver: DEVEREUX, George. «Why Oedipus Killed Laius: A note on the Complementary Oedipus Complex in Greek Drama» *International Journal of Psycho-Analysis* 34 (1953: 1322-141). Bernard Sergent, no livro citado na nota 1, p. 132, faz notar, a propósito do mito de Laio: «En tout cas, dès qu'il s'agit de fournir les noms des fondateurs de la pédérastie, les auteurs attiques se tournent vers l'étranger: vers la Crète de Ganimèdes ou la Thèbes de Laios, vers Khalkis ou Sparte, vers Thamuris de Thespias [...]»

Deve notar-se, no entanto, que Platão parece desconhecer toda a teoria pedagógico-iniciática que B. Sergent estuda no seu livro. Platão considera o acto de Laio uma «culpa» que introduz uma nova situação e novos hábitos condenáveis. O mito de Laio, traduzido como foi por Sófocles no *Rei Édipo*, ensina que a «culpa» de Laio foi o rapto de Crisipo com propósitos homossexuais.

(4) Em Creta e Lacedemónia (Esparta), o homossexualismo parece ter sido tradicionalmente aceite, como, aliás, noutros Estados gregos (Tebas, etc.). Ver: BETHE, E. «Die Dorische Knabenliebe: Ihre Ethik und Ihre Idee». *Rheinisches Museum für Philologie* 62 (1907): 438-475. E também: CARTELEDGE, Paul «The Politics of Spartan Pederasty» *Cambridge Philological Society, Proceedings*, 27 (1981): 17-36; Bernard Sergent, no livro já registado na nota 1, sobretudo os capítulos IV, V e VI.

(5) Quanto ao texto das *Leis*, como não há tradução em português, indicamos um texto bilingue: PLATON, *Oeuvres Complètes*, Tomos XL e seguintes, Paris, Les Belles Lettres, 1951 e segs.

(6) É de notar que a *Antologia Palatina* reúne poesias de várias épocas e não só do período helenístico. Ver: *Anthologie grecque*. Première partie: *Anthologie Palatine*. Organizada por P. Waltz, G. Soury, F. Buffière, R. Aubreton. Tomos I-XII. Deuxième partie: *Anthologie de Planude*. Organizada por R. Aubreton. Tomo XIII. Paris, Les Belles Lettres, 1987.

(7) FÉLIX BUFFIÈRE, *Eros adolescent. La pédérastie dans la Grèce antique*. Paris, Les Belles Lettres, 1980, pp. 518 e segs.

(8) Para uma abordagem dos diálogos sobre a pederastia recomendamos as traduções seguintes: *O Banquete*. Introdução, tradução do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa, Verbo, 1973. *Fedro*. Introdução, tradução do grego e notas de José Ribeiro Ferreira, Lisboa, Verbo, 1973.

Para o estudo da amizade pederástica, ver: *Lísis*. Introdução, tradução do grego e notas de Francisco de Oliveira. INIC, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1980.

O *Cármides* e o *Eutidemo* também interessam. *Cármides*. Introdução, versão do grego e notas de Francisco de Oliveira. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra, 2^a 1998. Do *Eutidemo* não há tradução portuguesa; por isso recomendamos a edição da colecção Budé, Paris, Les Belles Lettres.

São inúmeras em todas as línguas ocidentais as análises destes e de outros diálogos platónicos. Neles se pretende explicar como é que Sócrates, admitindo a pederastia, que é um costume inveterado do seu tempo, a pretende transformar num afecto puramente espiritual que enriquece tanto o amante como o amado. Ver, por exemplo, Jacques Mazel, livro já citado na nota 1, cap. V: «Socrate ou l'amour pédagogue. De l'inversion à la conversion».

(9) PLATÃO, *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, 8.^a edição. As transcrições feitas no artigo são extraídas desta tradução.

(10) ESCHINE, *Discours*. Tome I – *Contre Timarque*, p. 23 (§§ 9-10). Ésquines viveu e actuou no século IV a. C.

Cf. também: K. J. DOVER, *Greek homosexuality*, Duckworth, 1978. Este livro contém um extenso estudo (pp. 19 a 100) do discurso de Ésquines supracitado. Um estudo amplo sobre todas as formas de prostituição na Antiguidade podemos encontrá-lo no livro de Catherine Salles, *Les Bas-fonds de l'Antiquité*, Éditions Robert Laffont, Paris, 1992. Neste livro, o discurso de Ésquines *Contra Timarco*, é também citado e analisado nas pp. 61-66 e 68-80. Esse discurso deu matéria para muitas outras análises, entre as quais destacaremos as de Jacques Mazel, no livro já citado, cap. IV, pp. 105 a 129: «Timarque ou l'amour flambeur. De l'inversion à la perversion».

⁽¹¹⁾ Esse escravo era o «pedagogo» (condutor da criança). Ele velava para que nenhum homem se aproximasse das crianças, tentando solicitá-las para a pederastia e, por maioria de razão, para a prostituição masculina, como veremos adiante.

⁽¹²⁾ ROBERT FLACELIÈRE, no cap. VI da obra já citada na nota 2. DANIEL BABUT. «Les Stoïciens et l'Amour». *Revue des Études Grecques* 76 (1963). 55-63.

⁽¹³⁾ GENEVIÈVE RODIS-LEWIS, *Epicure et son école*, Paris, Gallimard, 1975, pp. 185 a 192. Pode ler-se também com proveito o já várias vezes citado livro de Jacques Mazel, que, no cap.VII («Epicure ou l'amour philosophe»), analisa com finura a doutrina e a vivência do epicurismo, frequentemente deformadas pelos comentadores. Aponta a *philia* (amizade) como sentimento preconizado por Epicuro e a sua escola.

⁽¹⁴⁾ *Traduções portuguesas de Teócrito*. Organização e notas de Nuno Simões Rodrigues. Lisboa, Universitária Editora, 2000.

⁽¹⁵⁾ Ver nota 6, supra.

⁽¹⁶⁾ Ver, nas *Actas do Colóquio Eros e Philia na Cultura Grega* (cf. nota 2), o nosso estudo sobre «A Philia Conjugal na Obra de Plutarco». Além das obras acima citadas, as *Vidas Paralelas* de Plutarco fornecem em vários passos informações sobre a homossexualidade. Quanto à posição desse autor, pronuncia-se também Bernard Sergent, no livro anteriormente citado, p. 130.

⁽¹⁷⁾ ACHILLE TATIUS, *Le Roman de Leucippe et Clitophon*, Paris, Les Belles Lettres, 1991.

Ver a tradução portuguesa, da autoria de ABEL DO NASCIMENTO PENA, na Editorial Cosmos, 2005. Ver também: XENOFONTE DE ÉFESO, *As Efesíacas*, Tradução do grego, introdução e notas de VICTOR CARDOSO RUAS. Lisboa, Cosmos 2000, e CÁRITON, *Quéreas e Calíroo*. Tradução do grego, Introdução e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. Lisboa, Cosmos, 1996.

Um testemunho da mentalidade corrente da época helenística pode encontrar-se também na obra de Heraclito do Ponto, citada na nota 2.

⁽¹⁸⁾ Ver: MICHEL FOUCAULT, «O Combate pela Castidade» in *Sexualidades Ocidentais*, por Foucault Ariès, Béjrin Flandrin, Pollak Veyne, Contexto Editora, Lisboa, 1983, pp. 23-36. No mesmo livro, o capítulo «São Paulo e a carne» por Philippe Ariès, pp. 47-50.

⁽¹⁹⁾ Ver, em geral, os artigos insertos no livro citado na nota anterior, e em especial os consagrados no todo ou em parte à actualidade: «A Homossexualidade Masculina, ou a Felicidade num ghetto?» por MICHEL POLLAK, pp. 51-73, «Reflexões sobre a História da Homossexualidade» por PHILIPPE ARIÈS, pp. 74-89.